

**E VIVIAM TODOS EM
COMUNHÃO... MAS NEM
TANTO: MEMÓRIAS SOBRE
COMUNHÃO NA ASSEMBLEIA DE
DEUS NO PERÍODO DE SUA
IMPLANTAÇÃO EM UM QUILOMBO
AMAZÔNICO**

AND THEY ALL LIVED IN
COMMUNION... BUT NOT SO MUCH:
MEMORIES ABOUT COMMUNION AT THE
ASSEMBLY OF GOD DURING THEIR
IMPLEMENTATION IN AN AMAZONIAN
QUILOMBO

Alef Monteiro

Sociólogo e antropólogo, é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Castanhal, Pará, Brasil. Contato: alefmonteiro1@gmail.com

Resumo: O artigo sintetiza parte da pesquisa de mestrado realizada junto a uma congregação da Assembleia de Deus no Quilombo São Pedro, município de Castanhal, Pará, Brasil. O objetivo é descrever, panoramicamente, as memórias sobre a comunhão da igreja durante sua implantação na comunidade (1961-1991) e tecer algumas observações historiográficas sobre a memorização do momento histórico em questão. Para tanto, utilizou-se dados etnográficos oriundos dos registros de diário de campo, tais como conversas informais com moradores e moradoras a respeito do assunto, assim como entrevistas semiestruturadas realizadas com seis pessoas envolvidas na fundação da igreja. Os dados revelam que dois tipos de versões se destacam: uma heroica/celebrativa e outra obscena. As versões coexistem e aparecem em espaços e momentos específicos do convívio social.

Palavras-chave: Comunhão. História. Memória. Assembleia de Deus. Quilombo.

Abstract: The paper summarizes part of the master's research carried out with a congregation of the Assembly of God in Quilombo São Pedro, municipality of Castanhal, Pará, Brazil. The objective is to describe, panoramically, the memories about the communion of the church during its implantation in the community (1961-1991) and to weave some historiographic observations about the memorization of the historical moment in question. For this purpose, ethnographic data from field diary records were used, such as informal conversations with residents about the subject, as well as semi-structured interviews conducted with six people involved in the foundation of the church. The data reveal that two types of versions stand out: one heroic/celebrative and the other obscene, the versions coexist and appear in specific spaces and moments of social interaction.

Keywords: Communion. History. Memory. Assembly of God. Quilombo.

Introdução

Comunhão é uma categoria êmica da vida religiosa pentecostal. Para os assembleianos e assembleianas, trata-se do “**vínculo de unidade fraternal** mantida pelo Espírito Santo e que leva os cristãos a se sentirem um só corpo em Jesus Cristo”¹

¹ LIÇÕES BÍBLICAS. *Atos dos Apóstolos* — Até aos confins da terra. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Coleção Jovens e Adultos, 1º trimestre. p. 29.

[grifo meu]. Teologicamente, seria um estado característico da comunidade de crentes que pode ser testemunhado através das obras daqueles que vivem na condição de igreja². Na prática, a comunhão pode ser mensurada e, do mesmo modo em que “a árvore é reconhecida pelos frutos”, os assembleianos e assembleianas identificam e reconhecem uns nos outros uma série de performances³ que indicaria quem está, não está, ou está em maior ou menor comunhão.

Na escala de classificação, pelo menos em termos discursivos, estar mais ou menos em comunhão é algo impossível. Ou o (a) crente vive em comunhão ou ele (a) não vive em comunhão. Porém, estando em comunhão, seu vínculo de unidade fraterna pode sempre ser aperfeiçoado. Assim, há aqueles que vivem em maior comunhão que outros e, na vivência cristã, em geral se anseia por uma comunhão crescente.

Por necessidade, as performances da comunhão expressam a unidade de ideias, crenças, opiniões e ações dos (as) crentes. A esse respeito, ensina-se na Escola Bíblica Dominical que os frutos da comunhão são: o “temor a Deus” (que implica em uma vida devota e sem pecados); “sinais e maravilhas” (êxtase religioso e milagres); “assistência social” (os crentes ajudam-se mutuamente e não permitem que ninguém passe necessidades materiais); “crescimento” (o número de convertidos aumenta); e “adoração” (os cultos e reuniões de adoração são assiduamente frequentadas)⁴. Em contrapartida, ideias, crenças, opiniões e ações que exprimem dissensão, brigas, disputas ou que sejam consideradas pecados aos olhos da comunidade caracterizam o contrário da comunhão.

² COUTO, Geremias do. *Eclesiologia – a doutrina da igreja*. In: GILBERTO, Antonio *et al* (ed.). *Teologia Sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 379-440.

³ Segundo Richard Schechner, performances “são ‘comportamentos restaurados’, ‘comportamentos duas vezes experienciados’, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam [...] assim, fica claro que, para realizar arte, isto envolve treino e ensaio. Mas a vida cotidiana também envolve anos de treino e de prática, de aprender determinadas porções de comportamentos culturais, de ajustar e atuar os papéis da vida de alguém em relação às circunstâncias sociais e pessoais”. SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction*. 2. ed. New York; London: Routledge, 2006. p. 28-29.

⁴ LIÇÕES BÍBLICAS, 2011.

Por ser reconhecida como um aspecto positivo da saúde espiritual da igreja, a comunhão sempre desponta nas narrativas sobre o passado da instituição religiosa. No meio pentecostal assembleiano, o mito fundador⁵ que indica o nascimento da Igreja Cristã no evento da descida do Espírito Santo, no Dia de Pentecostes (Atos 2), tem como parte a comunhão (decorrida da experiência pentecostal) que supostamente caracterizava a vida nas comunidades cristãs no primeiro século. E, alavancado pela “performance da palavra”⁶ característica do pentecostalismo, qual seja, a tendência inexorável de tentar performar o que é lido no texto bíblico, esse mito de pentecostes (gerador de comunhão) não raramente é atualizado e historicizado nas narrativas sobre os primeiros anos de fundação das Assembleias de Deus em várias partes do país.

Em meu trabalho de etnógrafo, percebi que a comunhão também apareceu como aspecto distintivo (mito fundador) nas memórias a respeito dos anos de implantação da Assembleia de Deus na Comunidade Quilombola São Pedro, zona rural do município de Castanhal localizado na Região Metropolitana de Belém, no estado do Pará, onde estive entre os meses de março de 2019 e março de 2021 e realizei minha pesquisa de campo no mestrado.

São Pedro é uma comunidade formada pela junção de seis sítios cujas origens estão nas fugas de escravizados dos engenhos das cercanias de Belém durante o séc. XIX. Com o avanço geográfico da cidade, a distância entre a periferia de Castanhal e o quilombo foi reduzida a pouco mais de quatro quilômetros. Nas últimas duas décadas, essa comunidade até então relativamente isolada passou por mudanças consideráveis no que diz respeito ao acesso espacial, tecnológico e a bens

⁵ No sentido formulado por Marilena Chauí: “Ao falarmos em *mito*, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública dos feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade [...] à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, como um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal”. CHAUI, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p. 9.

⁶ OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 119-140, ago./dez. 2017.

e serviços. Estradas e pontes de acesso foram construídas; a rede de energia elétrica, água e internet foi instalada; uma escola foi construída na comunidade; e o quilombo, graças às ações ativistas da associação quilombola criada em 2005, passou a ser conhecido na cidade.

Nesse quilombo, onde a maioria da população é evangélica (51,1%) e integra a Assembleia de Deus, parte de meu trabalho consistiu em coligir as memórias dos moradores a respeito da implantação da igreja pentecostal na localidade, um período que se estendeu por três décadas, indo de 1961, quando foi fundado o ponto de pregação⁷ pela Família Rodrigues, até 1991, quando ocorreu a inauguração da atual congregação⁸ Monte Moríá da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

À medida em que eu realizava conversas informais ou entrevistas, sempre meus interlocutores e interlocutoras (todos evangélicos e evangélicas) faziam questão de destacar a comunhão singular e exemplar da igreja nos seus primeiros anos, bem como ressaltavam a diferença entre aquele tempo “primitivo” e o período hodierno da igreja na comunidade. Isto posto, de tudo que registrei, reúno neste texto alguns dados que me permitem tecer reflexões sobre a comunhão e a memória da comunhão da igreja naquele período, especialmente a partir de contrastes entre certos acontecimentos do passado que a mim foram narrados em diferentes momentos. Em função disso, neste artigo, meu objetivo é descrever, panoramicamente, as memórias sobre a comunhão da igreja durante sua implantação no Quilombo São Pedro (1961-1991) e tecer algumas observações historiográficas sobre a memorização do momento histórico em questão.

⁷ Geralmente, é a fase inicial de uma congregação. O ponto de pregação é um lugar para realização de cultos rotineiros por algumas pessoas que ainda não formam um número suficiente para que sua comunidade seja classificada como congregação. Por esse motivo, o ponto de pregação fica sob a responsabilidade e gestão da congregação mais próxima. Em geral, as congregações abrem pontos de pregação como parte do seu processo de expansão, mas, pode ser que crentes, individualmente, criem pontos de pregação que depois são ajudados por congregações até se ascenderem ao *status* congregacional.

⁸ Na Assembleia de Deus, congregação é como são chamadas cada uma das comunidades que estão sob o comando administrativo de uma igreja matriz/sede, chamada de Templo Central. A diferença entre Templo Central e as congregações é apenas burocrática, a organização comunal é a mesma.

Para tanto, após ter constatado a inexistência de fontes documentais, realizei inúmeras conversas informais com moradores e moradoras (todas registradas em meus diários de campo), as quais me possibilitaram obter um considerável material sobre o assunto. À luz do material reunido, elaborei um questionário semiestruturado e entrevistei seis pessoas diretamente envolvidas na implantação da igreja. As entrevistas foram gravadas e consistem, junto com meus diários de campo e outros registros audiovisuais, no material de minha pesquisa.

Na análise dos dados conto principalmente com o auxílio teórico dos historiadores Jacques Le Goff⁹ e Peter Burke¹⁰, aos quais, corolariamente acrescento outras definições e conceitos que ajudam a elucidar o objeto abordado. A diferenciação entre história e memória operada por Le Goff¹¹ se mostrou fundamental para a compreensão da visão que os sujeitos e sujeitas da pesquisa fazem do passado. Como detalharei mais adiante, por se tratar de memórias, suas lembranças são guiadas e definidas por vieses forjados no interior de suas experiências no presente.

Do trabalho de Peter Burke¹² extraí a ideia de história heroica/celebrativa. Ao falar sobre a construção da imagem pública do rei Luiz XIV, Burke aponta o papel fundamental de intelectuais, principalmente de historiadores contratados pelo rei, na construção de uma “versão celebrativa”, isto é, uma versão que festeja e enaltece o reinado, a despeito dos fatos da realidade. Apesar de considerar no livro o viés político, o autor abre uma chave de leitura das narrativas heroicas/celebrativas que são construídas a partir de muitos outros vieses e atores.

Nas observações historiográficas que faço neste artigo, pretendo elucidar os enviesamentos da memória que pesam sobre a tradição oral dos (das) quilombolas de São Pedro e os (as) fazem conceber uma versão heroica/celebrativa da fundação da igreja na comunidade. Chamo, portanto, de história/versão celebrativa a narrativa

⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

¹⁰ BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹¹ LE GOFF, 1990.

¹² BURKE, 1994.

de rememoração do passado que retrata com glória os acontecimentos passados sem considerar eventuais aspectos qualitativos das lembranças.

No quilombo São Pedro, a versão celebrativa dos pentecostais ainda ganha o aspecto *sui generis* vindo da mito-lógica¹³ que fundamenta a cosmovisão do grupo. O resultado é a produção de um mito fundador¹⁴ que junta atores humanos e divinos na mesma narrativa. Na versão celebrativa, Deus é o principal agente que direcionou os acontecimentos passados e no enredo concebido por essa versão há a presença de seres espirituais que interagem com os seres humanos no processo de implantação da igreja.

A versão celebrativa me foi amplamente apresentada nos momentos de convívio coletivo público e durante os primeiros meses de convívio com os “irmãos” e “irmãs” no quilombo, enquanto eu ainda era um quase completo estranho visitante. Mas, à medida em que ganhei intimidade e passei a dividir momentos da vida privada, as “fofocas” começaram a aparecer e detalhes obscenos do período de implantação da igreja me foram contados, formando uma verdadeira versão obscena¹⁵ que corre à boca pequena e que contrasta, ao mesmo tempo que convive, com a versão heroica/celebrativa amplamente veiculada em público.

Dividi o texto da seguinte maneira: início por uma descrição das memórias do período de implantação da igreja na comunidade – em sua versão celebrativa. Em seguida, apresento os fatos obscenos do período de implantação da igreja. Por fim, teço algumas observações historiográficas sobre as memórias abordadas.

¹³ No mesmo sentido definido por LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 293-332. [A estrutura dos mitos].

¹⁴ No mesmo sentido definido por CHAUI, 2000.

¹⁵ Escolhi o termo “obsceno” e seus derivados por motivo etimológico. Essa palavra que vem do ambiente teatral definia exclusivamente aquilo que ocorria por trás das cortinas, nos bastidores do que era apresentado em cena em um dado espetáculo. O obsceno era composto pelos trabalhos essenciais à realização do espetáculo, era a preparação dos atores, algo que não deveria ser visto para não roubar a atenção do público e, com isso, roubar o *glamour* da cena no palco (Ver: CASTIAJO, Isabel. *O teatro grego em contexto de representação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.). Essa é uma significação mais antiga do que o significado latino que terminou sobressaindo na língua portuguesa.

E viviam em comunhão: a versão heroica/celebrativa dos primeiros anos da igreja

Na versão heroica/celebrativa, a história da Assembleia de Deus em São Pedro tem seu início ainda nos primeiros anos do séc. XX, com a migração de um casal de maranhenses em direção ao estado do Pará. Essa mudança de estado ocorreu em meio ao intenso fluxo de nordestinos que se dirigiram para a região em busca de trabalho no Ciclo da Borracha, desde o final do século XIX¹⁶. Como a maioria de seus conterrâneos, o Sr. Marciano Joaquim Rodrigues e a Sr.^a Zifirina Nunes Rodrigues¹⁷ (uma indígena Tenetehara) se fixaram na região Nordeste do Pará, onde o governo havia criado várias colônias de povoamento às margens da Estrada de Ferro de Bragança.

A busca por uma vida melhor coincidiu com os anos iniciais da Assembleia de Deus que havia sido recentemente fundada por Daniel Berg e Gunnar Vingren em Belém do Pará. E, essa contingência que pode ser atribuída ao acaso, para os (as) quilombolas de São Pedro se tratou do desenrolar do plano divino. Intervindo na história, creem meus interlocutores, Deus trouxe Marciano e Zifirina justamente para o local escolhido pelo próprio Senhor para iniciar o reavivamento da sua Igreja em solo Brasileiro, pois, em 1912, um ano após ter fundado a Assembleia de Deus em Belém junto com Gunnar Vingren, o missionário Daniel Berg teria caminhado até a cidade de Bragança, na época o mais importante núcleo urbano do Nordeste paraense depois da capital Belém, e lá fundou a segunda congregação da Assembleia de Deus no Brasil, sendo justamente nessa cidade, Bragança, que Marciano e Zifirina estabeleceram moradia.

A respeito de Marciano e Zifirina, ouvi se repetir algo que corriqueiramente os pentecostais falam a respeito de pessoas que consideram escolhidas por Deus: “O

¹⁶ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

¹⁷ Os nomes dos personagens já falecidos são verdadeiros, enquanto os nomes dos vivos são fictícios. Faço isso como tentativa de resguardar, ao menos para a maioria, a identidade de meus interlocutores, porém, reconheço que não é difícil para os membros da comunidade reconhecê-los. Todavia, as histórias aqui apresentadas tiveram sua divulgação permitida, inclusive por protagonistas ainda vivos, conforme atestam os materiais gravados.

Senhor tinha um plano na vida desse casal e dos seus descendentes” (Conrado, 2020). Nada é interpretado fora do prisma do plano divino, inclusive a amizade que nasceu entre o casal maranhense e alguns conterrâneos estabelecidos já há certo tempo em solo bragantino. Esses conterrâneos faziam parte da jovem congregação da igreja pentecostal na cidade e um dia, quando a intimidade permitiu, Marciano e Zifirina foram convidados pelos amigos e aceitaram participar de um culto evangélico dirigido, segundo meus interlocutores, por Daniel Berg. Os dois ouviram a pregação do evangelho e não resistiram ao chamado do Espírito em seus corações, nessa noite eles aceitaram a Jesus.

O fato de Marciano e Zifirina terem aceitado a Jesus na oração do próprio Daniel Berg enche de orgulho os (as) quilombolas. Mais do que um dado histórico, é o início de uma linhagem. Como poucas igrejas no país, a Assembleia de Deus desse humilde quilombo pode apontar sua origem em um dos pais fundadores do pentecostalismo assembleiano brasileiro, é como se Daniel Berg fosse duas vezes um “pai na fé” dos (das) quilombolas de São Pedro: ele é o fundador da denominação religiosa e o evangelista que “ganhou para Jesus” os antepassados da Família Rodrigues, família de quilombolas que mais tarde fundou a igreja na comunidade.

Crentes, Marciano e Zifirina se mudaram para Tatuáia, na zona rural do município de São Miguel do Guamá. A família cresceu, e o casal, juntamente com os filhos, contribuíram de modo singular com o evangelismo realizado em São Miguel do Guamá pelas igrejas de Bragança e Belém. Um dos filhos dos Rodrigues, Fernando Nunes Rodrigues, casou com uma jovem guamaense chamada Jacinta Marcelino e, no ano de 1938, conceberam Pedro Marcelino Rodrigues. Pedro “nasceu no evangelho”¹⁸ e nunca se desviou dos “caminhos do Senhor” (nunca deixou de fazer parte da igreja). Foi separado para o ministério (exerceu função eclesiástica) na função de auxiliar ainda muito jovem e, aos 19 anos, envolveu-se com uma jovem recém-convertida, chamada Sebastiana Feitosa, com quem casou-se no ano seguinte. A família de Sebastiana era das comunidades negras rurais (atualmente

¹⁸ Fraseologismo que designa quem nasceu em família evangélica.

conhecidas como quilombos / comunidades remanescentes de quilombos) do Vale do Rio Inhangapi, um dos principais afluentes do Rio Guamá, no Pará. Casados, decidiram morar nas terras dos parentes de Sebastiana, no Sítio Boa Sombra, na divisa entre os municípios de Castanhal e Inhangapi, e lá tiveram vários filhos.

No ano de 1961, quando já tinham dois filhos, Pedro e Sebastiana sentiram falta da vida em comunhão que tinham na congregação de Tatuiaia. A igreja mais próxima do sítio em que moravam ficava a dezesseis quilômetros, na cidade de Castanhal. Ao conversar comigo, Pedro lembrou que em suas orações sempre dizia ao Senhor que tinha vontade de se congregar novamente. Nesse primeiro ano de residência no atual quilombo (1961), ele recebeu a visita de sua mãe que veio, juntamente com alguns de seus irmãos, para passar uns dias em sua casa. Dona Jacinta e os filhos se integraram ao cotidiano do casal e passaram a dividir com os anfitriões as tarefas do plantio da mandioca e da lavoura de algumas poucas culturas para a alimentação. Em uma certa manhã, quando a sogra e a nora estavam no meio do roçado de mandioca e cantavam alguns hinos em louvor a Deus, contou-me Pedro, o Espírito Santo veio sobre as duas e ambas começaram a falar em línguas estranhas e a profetizar.

Pedro estava sentado na frente da casa, realizando tarefas de conserto de ferramentas e mais uma vez falava ao Senhor acerca de sua vontade de se congregar novamente junto com outros crentes. Foi então que as duas mulheres vieram pelo caminho do roçado falando em línguas estranhas. Dona Jacinta, tomada pelo Espírito do Senhor (em êxtase religioso) disse a Pedro *“Meu filho, Deus escutou as tuas orações e o Senhor te escolheu para iniciar uma congregação aqui”* (Pedro Rodrigues, 2020). Ao ouvir o que considerou *“a voz do Senhor”* através da boca de sua mãe, Pedro reuniu toda a família (irmãos, filhos, esposa e mãe) e nesse dia já perdido na memória, mas, segundo ele, *“não perdido nos registros do céu”*, no ano de 1961, eles iniciaram o ponto de pregação da Igreja Assembleia de Deus no atual Quilombo São Pedro.

Após a ida de dona Jacinta e filhos para Tatuiaia, mais uma vez salientaram meus interlocutores, o Senhor agiu na história de suas vidas e não deixou a família

Rodrigues só no ponto de pregação. Os motivos circunstanciais ninguém sabe dizer, o que se diz é que Deus providenciou um casal de crentes da Assembleia de Deus em Belém que havia se mudado há não muito tempo para o vilarejo Pedra Nova, atual Assentamento João Batista, vizinho ao quilombo. Juntos com os Rodrigues, esse casal compôs a “geração de pioneiros” do ponto de pregação onde se reuniam de uma a duas vezes por semana a fim de cultuarem a Deus.

A memória dos cultos revela um ambiente muito simples, esse é um detalhe que os crentes de São Pedro gostam de frisar: a nave da igreja era a sala de estar que de móveis tinha apenas as redes de dormir; o retiro¹⁹; os espaços sob as frondosas mangueiras ao redor da casa, enfim, eram esses os lugares escolhidos para “louvar a Deus”. Não havia energia elétrica, aparelhos de som ou instrumentos musicais variados. Pedro possuía um violão que tocava, os filhos traziam latas de farinha e batiam em percussão acompanhando e todos cantavam os hinos da Harpa Cristã²⁰, seguidos pela pregação do patriarca da família. Meus interlocutores narram que a despeito de toda essa simplicidade, Deus se fazia presente e enchia todos abundantemente com a sua presença – *“a presença de Deus parecia mais forte”* (Flora, 2020); *“era algo diferente. Especial”* (Emílio, 2020). Em suas falas há o contraste entre simplicidade (carência material) e a plenitude (riqueza) da “presença de Deus”. Nesses cultos, os filhos e filhas do casal Irmão Pedro e Irmã Sebastiana foram batizados com o Espírito Santo.

Perguntei se o sentimento dessa forte “presença do senhor” era frequente ou se havia cultos em que (lançando mão do vocabulário pentecostal) “o culto era gelado?” (Sem ou com poucas manifestações extáticas). Todos os meus entrevistados afirmaram enfaticamente que em todos os cultos *“a presença do Senhor era forte”*, sugerindo que em todas as reuniões a experiência do êxtase era vivenciada,

¹⁹ É uma grande barraca construída com estacas de madeira e geralmente cobertas com telhas de cimento ou alvenaria (outrora com palha). No retiro fica o forno, o moedor, prensa e demais materiais empregados no beneficiamento das raízes e folhas da mandioca. Os principais produtos fabricados nesses espaços são a farinha de mandioca, a tapioca/goma (fécula de mandioca), farinha de tapioca, tucupi, beijus de farinha e outros produtos originados da mandioca e outras plantas do gênero *Manihot*, como macaxeira e mandiocaba.

²⁰ Hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil.

inclusive existindo episódios de cura. Dona Sebastiana era muito “*usada pelo Senhor em cura*” (Flora, 2020).

Por não ser um obreiro ordenado, Pedro não ministrava a Santa Ceia²¹ e uma vez por mês toda a família ia a pé a Castanhal para cear. A distância de dezesseis quilômetros não intimidava a família. Naquela época, lembram os (as) crentes, havia um grande fervor que os (as) levava a transpor grandes distâncias para estar na “presença do Senhor”. Em Castanhal, os filhos e filhas do casal Rodrigues também foram batizados nas águas, durante a presidência do Pr. João Queiroz, contou-me o idoso Sr. Pedro Rodrigues.

No início da década de 1970, a Família Rodrigues mudou-se para Castanhal, onde morou durante aproximadamente três anos. Nesse tempo, congregaram-se no Templo Central e Pedro Rodrigues foi consagrado ao ministério como auxiliar da Igreja. No breve tempo que moraram em Castanhal, Pedro e Sebastiana fizeram amizade com muitos crentes e na sequência retornaram ao Sítio Boa Sombra. A partir de então, passaram a receber visitas periódicas de amigos e obreiros que vinham para cultivar ao senhor juntamente com a família em seu ponto de pregação.

De 1980 a 1983, os Rodrigues passaram a receber a visita de Irmã Elina e comitiva que vinham sempre de Kombi. O veículo era deixado a três quilômetros, no vilarejo (hoje quilombo) Pitimandeuá, pois o acesso ao sítio onde moravam (parte do atual Quilombo São Pedro) era precário, não havia estrada, apenas um caminho que passava por dentro de igarapés que impediam a entrada de veículos. Porém, mesmo com toda essa dificuldade, quase semanalmente os (as) crentes vinham com Irmã Elina, de Castanhal, para realizar Escola Dominical e cultos na localidade. Sobre as vindas de Irmã Elina e comitiva, lembram que “*a presença do Senhor era abundante*” (Conrado, 2020), os cultos tinham muitos batismos com o Espírito Santo. Geralmente o espaço sob as copas das árvores serviam como templo e os lampiões clareavam as reuniões noturnas. Quando Irmã Elina deixou de visitar os Rodrigues, o ponto de

²¹ Ritual que faz alusão à última refeição comida por Jesus e seus apóstolos. A tradição cristã instituiu essa prática como um memorial do sacrifício de Cristo para redimir a humanidade.

pregação ficou oficializado e a Igreja em Castanhal passou a destacar obreiros para virem dirigir cultos e realizar evangelismos periódicos.

Nos diálogos eu sempre tentava saber se nas vindas da comitiva da Irmã Elina não houve qualquer episódio de briga ou de “escândalo”²², mas eles sempre foram negados ou meus interlocutores “simplesmente” não lembravam. Na verdade, mais tarde, e com isso quero dizer meses e até mesmo pouco mais de um ano, compreendi que eles me falavam o que acreditavam que eu queria e precisava saber.

No final dos anos de 1980 e início de 1990, a igreja em São Pedro criou laços com a igreja de Itaboca, uma comunidade quilombola vizinha distante mais de seis quilômetros. Os crentes de ambas as localidades passaram a se revezar no auxílio de cultos e reuniões de oração que ocorriam alternadamente em cada uma das comunidades. Os crentes iam andando de um lugar a outro. De acordo com a memória, no domingo, a Família Rodrigues (já composta por mais de dois núcleos familiares), sob a luz de lamparinas e lampiões, saía às cinco horas da manhã e ia andando até Itaboca. No vilarejo, em muitas ocasiões, se juntavam a outros “irmãos” e “irmãs” que se dirigiam para realizar o culto na casa de crentes que faziam parte da congregação, mas moravam longe. Alguns moravam até quarenta minutos de canoa de distância do templo.

As lembranças desses momentos retratam que o esforço era grande, a distância exigia empenho e união. Porém, mais que isso, mesmo nesse ambiente de muita carência (os detalhes de carência são folgadoamente salientados pelas narrativas), a comunhão desses crentes quilombolas e ribeirinhos é atestada no presente pelas memórias da partilha. Segundo me contou Timóteo, dentre as lembranças de infância que guarda desse período, uma das que mais lhe toca é recordar que todas e todos os crentes levavam alimentos conforme as suas posses, de sorte que após os cultos eram realizados grandes banquetes e todos se fartavam. As mulheres eram as responsáveis pelo preparo da comida e aos homens cabia a logística para o transporte e tudo mais que dizia respeito à realização do culto.

²² Para os assembleianos, esse termo sempre sugere pecado com repercussões públicas.

Timóteo (2020) frisou que “*era lindo de ver aquela dezena de canoas cheias de crentes louvando a Deus nos rios*”, ele fala dos serpenteados leitos d’água que correm entre o Inhangapi e o Guamá. Ao ouvir cada crente quilombola sobre essas idas e vindas entre São Pedro e Itaboca, a conclusão que se chega é que seus esforços e suas vivências em profunda comunhão eram recompensados pela “manifestação do Espírito do Senhor”. Dizem que nos cultos era comum, ressaltado, comum, a ocorrência de curas, batismos com o Espírito Santo, profecias, revelações e muitas outras maravilhas.

Quando se compara o presente e passado, o fervor e a comunhão da primeira geração da igreja são sempre ressaltados. Perguntei aos seis entrevistados se eles acreditavam que os crentes daquele período eram mais tementes, mais santos, mais amorosos, mais dedicados e todos disseram que sim. E a esse estado de grande comunhão com o Senhor e de uns com os outros eles relacionam o fato de “o Senhor se ter feito fortemente presente” (muitas experiências extáticas e milagres) no meio da igreja no passado. A opinião corrente é que com o passar dos anos, o mundanismo enredou a muitos no meio da igreja e a vaidade, contendas, concupiscência e frieza espiritual passaram a encontrar lugar no meio dos (das) crentes afastando-os (as), assim, da “presença do Senhor”. “*As pessoas hoje têm menos comunhão com Deus*”, disse-me Marialva (2020), que tinha 63 anos de vida no momento da entrevista e testemunhou parte da formação da igreja na comunidade.

Em 4 de agosto de 1991, em reunião presidida pelo obreiro Domingos Lopes, na sala da casa do casal Pedro e Sebastiana Rodrigues, foi oficialmente fundada a Congregação Monte Moríá da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Pedro, Castanhal. Nessa mesma ocasião foram fundados o círculo de oração feminino e o grupo de jovens, compostos por integrantes de São Pedro e Itaboca. Dois anos mais tarde foi construído o primeiro templo da igreja, erguido em taipa, quase em frente da casa dos patriarcas da Família Rodrigues.

Em comunhão... Mas nem tanto: obscenidades nos primeiros anos da igreja

Compartilhar da vida das pessoas e escrever sobre elas é uma atividade por vezes difícil para nós antropólogos e antropólogas. Quando o campo é bem-feito, as pessoas se afeioam a nós e nós nos afeioamos a elas e isso gera um laço de confiabilidade. Foi o que acredito ter ocorrido entre mim e parte dos (das) quilombolas de São Pedro. Depois de meses indo e vindo até suas casas e me fazendo presente em seus cotidianos, as histórias que pessoas contam umas sobre as outras à boca pequena começaram a ser compartilhadas comigo, inclusive sobre o período de implantação da igreja.

Esse conhecimento obscuro foi crucial para a compreensão crítica da versão celebrativa/heroica que a mim fora apresentada logo no início do meu campo. Quando eu cheguei em São Pedro procurei logo saber como a igreja chegou e cresceu com tanto sucesso na comunidade. E a versão que consegui praticamente condensou naquele contexto o mito do nascimento e crescimento da Igreja contido no Livro de Atos dos Apóstolos: cheios do Espírito Santo, os (as) crentes viviam em comunhão e Deus acrescentava-lhes dia a dia mais convertidos. Porém, os comentários em recôndito me mostraram que as primeiras e primeiros crentes do quilombo viviam sim em comunhão... Mas nem tanto.

Sobre o que me foi contado, faço uma rápida observação: longe do contexto colonial vivido por Malinowski e Evans-Pritchard – ícones da Antropologia clássica, quando não havia qualquer cobrança ética dos antropólogos e antropólogas e eles e elas podiam falar o que quisessem dos seus “objetos de pesquisa”, atualmente recai sobre mim a grande responsabilidade de zelar pela preservação da intimidade dos sujeitos de minha pesquisa, de acordo com seus padrões culturais. Por esse motivo, muitos episódios que poderiam perfilar nesta seção foram suprimidos. Quem sabe, quando os anos se passarem e alguns sujeitos estiverem dispensados das exigências morais dos vivos, eu, caso ainda o possa fazê-lo, retome tais acontecimentos – acredito que dão uma verdadeira história social da vida privada, no sentido proposto por Georges Duby²³. Por ora, apresento aqui apenas episódios cujos personagens

²³ DUBY, Georges. Prefácio. In: VEYNE, Paul. *História da Vida privada 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 7-10.

não mais estão entre nós ou que recebi autorização para escrever sobre e, por opção minha, ocultando seus nomes verdadeiros. Contudo, acredito que mesmo esses poucos episódios são suficientes para demonstrar: 1) que a versão celebrativa/heroica constrói uma imagem utópica do passado; e 2) que a comunhão dos tempos passados é supervalorizada quando comparada à comunhão do tempo presente.

O patriarca fundador da igreja: mulherengo e bígamo?

No ano de 1958, conforme as próprias palavras do Irmão Pedro Rodrigues, Deus lhe arrumou uma jovem e a entregou em suas mãos como esposa. Essa jovem era a Irmã Sebastiana Feitosa. Tudo começou quando sua avó, Dona Zifirina, chegou de um culto de rua e lhe disse:

“Meu filho, eu quero te contar uma coisa: é que eu fui a um culto ali na casa do irmão e uma jovem aceitou a Jesus. Mas meu filho, aquela jovem me deixou inquieta, uma vontade de ver essa jovem...”

“Mas a senhora sabe o nome dessa jovem?”

“Não...”

“Então quando a senhora for orar diga assim ‘Senhor, olhe aquela jovem’ que ele vai saber quem é (mas uma voz dentro de mim já tinha me dito o que ela queria me dizer, mas, ela ainda não tinha experiência pra me dizer.” [Que Deus tinha um propósito matrimonial na vida daquela jovem e do Irmão Pedro] (Pedro Rodrigues, 2020).

Alguns dias depois teria ocorrido a maior confirmação da união do casal durante um culto de Santa Ceia, no vilarejo de Tatuaiá. Pedro Rodrigues recebeu uma profecia que dizia que aquela jovem seria a sua esposa – profecia que mais tarde foi confirmada por algumas outras. Com tanta confirmação, para Irmão Pedro não havia dúvidas, foi Jeová quem lhe falou naquele culto através do diácono enviado para ministrar a Ceia do Senhor, assim como em todas as outras vezes.

No momento ele nem pensava em se casar, mas, como estava mantendo relações sexuais ilícitas (“pecado de prostituição”) com duas primas que, segundo ele, movidas por Satanás lhe seduziam, Pedro achou por bem não rejeitar a voz do Senhor que lhe falava e aceitou se casar com irmã Sebastiana. Com efeito, há uma contradição ainda maior entre a fala desse “temente homem de Deus” e os fatos: cerca

de dois a três anos antes, quando tinha dezoito anos, Pedro Rodrigues se envolveu sexualmente (“pecado de prostituição”) com outra prima, de dezessete anos, com quem teve um filho. Pouco antes da jovem dar à luz, Pedro casou-se com ela na Igreja Católica. O Casal ficou junto por onze meses e depois desse período, Pedro abandonou a esposa e filho retornando à casa de seus pais. O motivo: ele queria servir a Deus como crente, mas sua esposa e família eram católicos e não estavam dispostos a se converterem ao evangelho. Sem liberdade para “servir a Deus” da forma que queria, Pedro relatou-me que foi embora deixando para trás filho e esposa.

Até o momento de nossa conversa, ele tinha a certeza de que seu retorno à casa paterna ocorreu graças às orações de sua avó. Conforme sua compreensão, Deus o queria como crente e acolheu os pedidos da idosa mulher de oração que rogava a Deus um “livramento” para o neto de seu casamento com uma “ímpia”. Quando conversei com Pedro, ele demonstrou não se sentir culpado por ter abandonado a primeira família e ter adquirido novas núpcias, pois seu primeiro casamento “foi no católico”, ou seja, em sua concepção, não teve importância para Deus. Pedro pensava assim porque o evangelicalismo brasileiro (especialmente o pentecostal) é anticatólico²⁴.

Mas, o que ele não sabia é que oito anos antes do seu segundo casamento, foi promulgada a Lei n.º 1.110, de 23 de maio de 1950, que deu ao casamento religioso o mesmo efeito do casamento civil, logo, mesmo que pensasse o contrário, Pedro Rodrigues, então viúvo das duas mulheres no momento em que o entrevistei, foi bigamo (pecado gravíssimo e crime no Brasil) por quase toda a sua vida e teve todos os filhos do segundo casamento de forma ilegítima. O que é preciso explicar diante de tudo isso é como pode Deus ter lhe dado Sebastiana Feitosa por mulher, ter confirmado várias vezes essa segunda união, se Pedro já era casado? A resposta à essa pergunta, apesar de ser viável através da História da Mentalidade, vai além dos domínios da história e chega ao campo dos teólogos e à consciência de cada um... Fato é que o fundador da igreja no Quilombo São Pedro e dirigente da congregação

²⁴ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

por duas vezes viveu nessas condições, mesmo estando, segundo a opinião corrente, em plena comunhão.

Brigas e pecado de prostituição entre famílias de obreiros

Em meados de 1976, uma briga entre familiares do Irmão Pedro Rodrigues o fez passar um tempo junto à parte de sua família extensa no povoado de Ajuai, no Município de São Domingos do Capim. Ele e seu núcleo familiar (coluna dorsal do ponto de pregação no quilombo) permaneceram na localidade por aproximadamente um ano, tempo em que o patriarca da família Rodrigues auxiliou seu pai, Fernando Rodrigues, na direção da congregação pertencente ao Campo de São Miguel do Guamá. Nesse interim, sua filha, Berenice, de dezessete anos, e neta do dirigente, apareceu grávida de um rapaz também filho de obreiro auxiliar da igreja. O acontecimento foi um escândalo, um vexame para as famílias e muito mais para os Rodrigues, que tiveram que enfrentar o moralismo machista e o preconceito antievangélico muito forte na época, pois, se a vergonha da “desonra” de uma filha era algo penoso para não-crentes, era ainda mais doloroso para aqueles que se declaravam “salvos”. Irmã Sebastiana e Irmão Pedro ficaram envergonhados com os mormurinhos e os olhares de provocação dos descrentes da comunidade. Onde iam se deparavam com os olhares de reprovação e burburinhos. Berenice, constrangida, nem saía de casa, contou-me o pai.

Só existia uma saída para esse pecado de prostituição cometido por esses jovens – que nem mesmo namorados eram: o casamento. Passada a ira da descoberta, o pai da moça foi até a casa do rapaz para propor a mão de sua filha. Mas, não teve resposta amigável, o jovem não apenas recusou a proposta de casamento, como destratou o patriarca da família Rodrigues e insultou Berenice, declarando que jamais casaria com uma “*galinha que vai pra cama com um homem antes do casamento*” (trecho do relato de Pedro). Sem ter como resolver o problema, a permanência da família em Ajuai ficou insustentável, na mesma semana os Rodrigues retornaram ao sítio e o fruto dessa junção sexual “pecaminosa” foi adotado pelo casal Rodrigues.

Um crente que “roubava” terra e um crente que “roubava” a Deus?

Em meados de 1990, quando a igreja de São Pedro vivia em parceria com a congregação de Itaboca, foi empossado como dirigente em Itaboca o Pastor Barbosa. Na congregação da comunidade vizinha a São Pedro existiam dois membros cujos nomes eram Antão. Devido às diferenças de idade, eles eram distinguidos pelo apelido diminutivo do mais novo em contraste com o mais velho. A dupla homônima era apelidada de Antão e Antãozinho, e ambos, além do mesmo nome, tiveram em comum (acompanhados por parentes e familiares) desavenças com o Pastor Barbosa.

Ao lado da Comunidade São Pedro, existia uma fazenda que outrora foi parte do território quilombola, mas havia sido tomada pela família Espinheiro Gomes, uma rica família de fazendeiros de Castanhal. Passados anos da grilagem do antigo território quilombola, um grupo do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) invadiu a propriedade dos Espinheiro Gomes e levantou um grande acampamento que acabou se consolidando no Assentamento Cupiuba. Mas, enquanto a área era apenas uma “invasão do MST”, pessoas fora do movimento integraram a “invasão”, e esse foi o caso de Antãozinho. Entre os quilombolas, quase ninguém recriminou a atitude do jovem senhor “invasor” (ocupante) de terras, mas, esse não foi o caso do Pastor Barbosa que o repreendeu publicamente, inclusive em suas pregações, dizendo explicitamente no púlpito da igreja que um crente não podia se comportar como um “ladrão de terras”, como vinha fazendo o irmão Antãozinho. Essa declaração causou um grande mal-estar entre o Pastor Barbosa e todos aqueles que eram próximos de Antãozinho, os quais, romperam com o pastor e se afastaram temporariamente da igreja.

O costume de repreender publicamente as “ovelhas de seu rebanho” fez o Pastor Barbosa também exortar publicamente, via sermão, o outro Antão. Ocorre que Antão não era dizimista e ia além: declarava-se contra a prática do dízimo. *“É melhor comprar comida e chamar os crentes pra comer do que dar dízimo”*, lembra irmão Pedro da fala de seu amigo. Além de tecer críticas à fala de Antão na igreja – o que Antão dizia foi classificado pelo Pastor como heresia – o Pastor procurou o herético membro da igreja e lhe chamou de ladrão de todos e todas em sua companhia. E

acrescentou que ele roubava a Deus e que por isso iria ao inferno. Antão e familiares deixaram de ir à igreja enquanto o Pastor Barbosa era dirigente, o que não demorou muito, pois o Pastor Barbosa logo foi transferido. Mas esse episódio deixou mais crentes (pessoas próximas de Antão) em inimizade com o pastor.

O poder da fofoca caluniosa e uma punição injusta

Em 1991, quando as duas congregações (São Pedro e Itaboca) mutuamente se apoiavam – ainda nem havia sido construído o templo de São Pedro – Heloisa, dezessete anos, de Itaboca, e Abelardo, vinte e dois anos, líder do conjunto de jovens de São Pedro, começaram a namorar. Os encontros do casal sempre aconteciam nas idas e vindas de ambos aos cultos realizados alternadamente nas congregações. O maior obstáculo para o encontro dos dois era a distância entre seus lugares de residência. Pelo fato de namorarem antes e após os cultos, começou a surgir, entre os (as) crentes, algumas desconfianças sobre a integridade sexual do casal.

Essas desconfianças e falatório à boca pequena (fofocas) levaram o dirigente da congregação, irmão Domiciliano, a destituir o líder dos jovens (Abelardo) de seu cargo e discipliná-lo²⁵. A causa da disciplina foi o “pecado de prostituição” (sexo antes do casamento) que supostamente o casal vinha cometendo. Ao lembrar dos acontecidos, Heloisa, no momento da entrevista com quarenta e três anos, disse-me que o dirigente, convencido pelas fofocas, chegou a declarar que *“as reuniões realizadas naquela época não eram nem culto, mas sim putaria!”*. Revoltados com a disciplina injusta (o casal era casto e Heloisa virgem), os jovens se juntaram (passaram a morar juntos) e somente após residirem na mesma casa como casal foi que a união dos dois foi sexualmente consumada.

À guisa de conclusão: algumas considerações historiográficas

²⁵ Na Assembleia de Deus, disciplina equivale a uma excomunhão que pode ser temporária ou permanente.

A narrativa heroica/celebrativa estabelece uma radical ruptura qualitativa entre o passado de implantação da igreja pelos “pioneiros” e o presente. Sob a ótica da celebração, o passado seria um período de comunhão plena caracterizado pela santidade, fervor espiritual e maior intervenção de Deus no cotidiano. Segundo a versão celebrativa, o próprio Deus escolheu os ancestrais dos quilombolas; trouxe-os para conversão sob a pregação de Daniel Berg; seus descendentes fundaram o ponto de pregação e congregação no quilombo; e tudo isso, período de implantação (1961-1991), caracterizado pela forte presença de Deus, fervor espiritual, milagres, santidade e comunhão que fazia os (as) crentes vencerem distâncias e dificuldades.

Já o presente, segundo essa mesma versão celebrativa, é compreendido como um período de pouca comunhão por causa da vaidade, concupiscência, contendas e frieza espiritual praticamente inexistentes no passado. De acordo com essa ótica bipartida, os crentes daquele período tinham mais temor de Deus e, por esse motivo, suas vidas eram menos marcadas pelos pecados que afetam a igreja no presente.

Contudo, mesmo recorrendo ao imaginário, a versão celebrativa não é suficiente para ocultar os fatos obscenos do passado que insistem em aparecer por entre as “frestas” da oralidade nos momentos de intimidade. Quando meus interlocutores e eu conversávamos em recôndito sobre os primeiros anos da igreja na comunidade, vários episódios de pecados similares aos cometidos no presente foram citados. Todos os indícios de que os crentes daquele período já praticavam os mesmos pecados dos dias atuais; que os crentes do passado não eram tão superiores em santidade e comunhão se comparados aos crentes do presente, como supõe a memória dos crentes hoje.

As perguntas que fiz sobre obscenidades aos entrevistados e entrevistadas encontraram a resistência de muitos, principalmente por causa da gravação das entrevistas. Diferentes das fofocas que ficaram ocultas pela intimidade e resguardadas pelo acordo tácito de todos saberem ao mesmo tempo que fingem não saber, existiu o medo de que a gravação revelasse suas identidades e mostrasse a todos e todas a quebra que haviam cometido da regra não formalmente expressada

de deixar fora de cena esses ocorridos sobre os quais eu perguntava. Contudo, ao final consegui juntar alguns exemplos e, inclusive gravá-los.

Diante desses relatos de heroísmo/celebração e obscenidade, entendo que a diferenciação entre o passado santo de comunhão (sob a ótica da celebração) e o presente de pouca comunhão por causa de pecados é produto da memória. Como explica Le Goff²⁶, a memória é uma visão do passado guiada pela perspectiva de uma pessoa ou de grupos no presente, de maneira que ela (a memória) é definida e limitada pelas experiências de um ou alguns indivíduos.

A experiência que define e limita a memória, por sua vez, não se confunde com o acontecimento, pois “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”²⁷. Pelo fato de o sujeito da experiência ser um organismo constituído por paixões e intelecto que enviesam sua experiência de mundo, a memória (definida e limitada pela experiência) conseqüentemente possui vieses tais como a emoção ou as ideologias. Esses vieses dão à memória uma de suas características principais, qual seja, a seletividade com fins à exaltação ou ao vitupério do passado. Por isso, é comum que a memória construa heróis e vilões; momentos históricos idílicos versus momentos históricos malignos, é que diferente da História que objetiva compreender o passado (o que aconteceu), a memória retrata o que tocou os sujeitos e sujeitas naquele momento histórico que viveram, à luz das suas mentalidades e paixões no presente.

A seletividade operada pela memória de tudo o que foi vivido tem sua explicação alargada pelas considerações de Freud²⁸ a respeito do aparelho psíquico. A memória reproduz certas tendências do funcionamento psíquico tais como o afastamento daquilo que causa desprazer. Com o propósito de evitar desprazer e o possível trauma que o acompanha, o aparelho psíquico tende a fazer o (a) sujeito (a) lembrar daquilo de que gosta, daquilo que lhe é familiar, e rejeitar, esquecer, obliterar

²⁶ LE GOFF, 1990.

²⁷ BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. p. 21.

²⁸ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 75-174. [O mal-estar na civilização.]

o que lhe aborrece e envergonha. Conseqüentemente, de modo natural, ao lembrar de seu próprio passado em público, o sujeito se afasta de memórias que não se associam ao viés do prazer de ser bem-quistado pela comunidade. Assim, o que conflita com os fatores de enviesamento (e causa sensações negativas) tende a ser mais facilmente esquecido, sumindo do que se guarda publicamente do passado.

Vieses diferentes resultam em memórias diferentes, essa é a razão pela qual uma instituição ou qualquer sujeita e sujeito histórico pode ser compreendido como um herói para uns e vilão para outros; um momento histórico pode ser visto como bom para uns e ruim para outros, tudo depende do viés que substancia as perspectivas de rememoração e o princípio de mal-estar e prazer.

Não raramente, os sujeitos e sujeitas confundem as mudanças que ocorreram consigo, com as mudanças que aconteceram no mundo. Nesses casos, a memória é a lente por onde se compreende o passado. Então, na situação aqui abordada, ao dizer que o passado era melhor, pois lá se tinha muito mais comunhão do que hoje, os emissores e emissoras dessa proposição não necessariamente falam a verdade, mas podem apenas estar dizendo o que suas lembranças, guiadas por vieses, guardaram de tudo o que aconteceu.

O espaço da coletividade (espaços públicos) e momentos oficiais pedem da memória dos (das) crentes uma seleção de rememoração positivamente diferente, pois nesses espaços e momentos a imagem coletiva é fixada. Concomitantemente, nos espaços privados, espaços de intimidade em que a fofoca pode circular sem muita ou mesmo com nenhuma censura, e onde a imagem coletiva não é fixada, a obscenidade pode vir à tona. Salvo poucas especificidades do contexto histórico, os contrastes de narrativas permitem dizer que os (as) quilombolas crentes do passado eram tão humanos e tão parecidos aos quilombolas crentes do presente em tudo o que é tipicamente humano, inclusive no quesito comunhão e sua falta.

Termino lembrando das palavras de Walter Benjamin: “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção [...] a cada geração, foi-nos concedida

uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo”²⁹. No quilombo São Pedro, o passado da Assembleia de Deus apela pela redenção dos “pioneiros” especialmente no que diz respeito à comunhão.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CASTIAJO, Isabel. *O teatro grego em contexto de representação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COUTO, Geremias do. Eclesiologia – a doutrina da igreja. In: GILBERTO, Antonio et al (ed.). *Teologia Sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 379-440.

DUBY, Georges. Prefácio. In: VEYNE, Paul. *História da Vida privada 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 7-10.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 75-174. [O mal-estar na civilização.]

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 293-332. [A estrutura dos mitos].

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 223.

LIÇÕES BÍBLICAS. *Atos dos Apóstolos* — Até aos confins da terra. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Coleção Jovens e Adultos, 1º trimestre.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 119-140, ago./dez. 2017.

SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction*. 2. ed. New York; London: Routledge, 2006.